

# **FAZENDO JUNTO: O TRABALHO COOPERATIVO NA PRODUÇÃO DE CONTEÚDOS COM VIÉS EDUCOMUNICATIVO**

Silvia Silva dos Santos

O presente relato é resultado das ações desenvolvidas com crianças de cinco e seis anos de idade, no ano letivo de 2016 na Escola Municipal de Educação Infantil Angenor de Oliveira – Cartola, na cidade de São Paulo.

O objetivo do trabalho foi, por meio de práticas educomunicativas, promover a cooperação e interações positivas entre os pequenos, destacando o protagonismo infantil.

A escolha do tema partiu das manifestações e da curiosidade dos pequenos em relação ao trabalho de registro das atividades pedagógicas da turma e das dificuldades de comunicação e trabalho em grupo. Dessa forma, as atividades são aqui descritas desde o diagnóstico que levou a escolha do projeto, em que a escuta das vozes infantis foi fundamental. Na sequência, as etapas do planejamento e seu desenvolvimento, inicialmente na busca da promoção de interações e vivências no trabalho em grupo, a cooperação na produção de

conteúdos midiáticos e, por fim, o compartilhamento dos produtos, motivando novas interações, a partir das experiências educocomunicativas. Espera-se que este sirva para novas reflexões acerca da importância do protagonismo infantil, do trabalho cooperativo e na busca pela construção de uma cultura de paz.

## **PARA ALÉM DE UM DIAGNÓSTICO: RECONHECENDO DIFICULDADES**

A EMEI Angenor de Oliveira – Cartola, onde se desenvolveu as ações, está localizada na periferia da região sudoeste, na cidade de São Paulo. Pertencente ao distrito de Jardim Ângela, a escola está inserida no Jardim Guarujá, um bairro com cerca de 18.500 habitantes, segundo a prefeitura regional de M’Boi Mirim. A região tem poucos comércios, entretanto possui três linhas de transporte municipais que ligam o bairro aos principais terminais de ônibus da região (Guarapiranga, Capelinha e Campo Limpo,). A comunidade é formada por famílias de baixa renda, parte moradora de áreas de invasão. A escola é uma das instituições mais antigas do local, com 32 anos de funcionamento. Atente, em sua maioria, crianças dos bairros adjacentes, que são transportadas por vans particulares. As famílias são pouco participativas nos trabalhos e eventos da escola, dizem que tem dificuldade por conta da distância. A escola tem aproximadamente 350 estudantes, 10 turmas com 35 crianças, em dois turnos. Os pequenos ficam seis horas na escola, sendo quatro horas com uma professora regente e as outras duas horas com outra. O agrupamento em que o projeto foi realizado tem crianças entre cinco e seis anos de idade, pertencentes ao período da manhã, das sete às treze horas.

A unidade necessita de reforma, principalmente no telhado e algumas instalações, que são antigas, comprometendo os trabalhos nos dias de chuva. A escola possui alguns equipamentos midiáticos, porém poucos para produção de conteúdo, somente uma máquina fotográfica e gravador de voz. Este último parou de funcionar durante o percurso do projeto e as gravações tiveram que ser realizadas com celular próprio, assim como os vídeos, já que a máquina fotográfica era sempre requisitada para registro de outros projetos.

Em relação a turma, pertenceram ao nível Infantil II, com crianças de cinco e seis anos de idade. Trinta e quatro vieram de centros de educação infantil da re-

gião, sendo seu primeiro ano na escola, outra era proveniente do ano anterior e cunhada como “aluno problema”. O período de adaptação da turma foi longo e fizeram parte de um projeto de Educação em Direitos Humanos, discutindo sobre as regras de convivência, desenvolvido por a professora que regia a turma no segundo período. (JESUS, 2017). No terceiro mês vieram os primeiros frutos do trabalho da colega, porém pequenos conflitos ainda dificultavam os momentos de troca. Além das brincadeiras livres, o grupo gostava de realizar registros fotográficos de projetos. Parte das crianças criava cenários e posições para fotografar. Tinham encantamento com música e dança, além de atividades que envolviam dramatizações.

Por conta da dificuldade de adaptação, a turma era imatura e os conflitos dificultavam a aprendizagem. A medida que foram amadurecendo e discutindo aspectos relativos as regras de convivência, a partir do projeto que participaram, os registros de ações da escola começaram a aparecer, porém continuavam algumas dificuldades de interação e pertencimento de grupo. A curto prazo, acreditávamos que seria importante criar condições para potencializar positivamente as interações com atividades, jogos e brincadeiras. No médio prazo viria o trabalho de cultura de paz, para resolução de conflitos. Dessa forma, as atividades desenvolvidas também abrangeram a comunicação verbal e suas competências, como relato, descrição e argumentação

Como a proposta do projeto envolvia o trabalho cooperativo, o diagnóstico foi realizado por meio da observação e conversas informais. No que se refere a observação, foram aproveitados os momentos de brincadeiras de faz-de-conta, que ocorriam sempre na sexta-feira. As brincadeiras envolviam temáticas do cotidiano e os pequenos utilizavam o mobiliário da sala para recriar o ambiente doméstico ou a van de transporte escolar, além de corridas. Havia alguns desentendimentos e as brincadeiras duravam pouco. Na outra semana, entre uma atividade e outra, foi iniciado as conversas informais ou na mediação de conflitos sobre as melhores formas de resolver os motivos dos desentendimentos. Durante as falas, uma ou outra criança, questionava sobre o projeto piloto da agência de notícias que acontecia na unidade, se participaria ou porque não foi convidado. Assim, no penúltimo dia da pesquisa, foram levados algumas mídias para a sala de aula (rádio e TV), como já era de costume, e questiona-

do sobre o que viam ou assistiam. Como a conversa foi em pequenos grupos, uns ajudavam os outros e até admiravam-se com a resposta do colega, dizendo *“Eu também assistia isso quando era pequeno”*. Todas as falas foram anotadas. Durante uma semana foram dedicadas pelo menos duas aulas (1h30min) para esta investigação.

## **AS VOZES INFANTIS: TRAÇANDO TRILHAS**

A ideia de explorar o trabalho colaborativo nasceu a partir do interesse das crianças em realizar atividades e produzir conteúdo utilizando diferentes mídias. Foram motivados por as vivências com equipamentos midiáticos em sala de aula, registro fotográfico de aprendizagens e por um grupo de crianças da turma que integravam um projeto piloto da escola no contra turno escolar, uma agência de notícias com viés educomunicativo<sup>1</sup>.

Nas conversas informais, as crianças contavam o gosto em registrar, por meio da fotografia, os momentos marcantes da aula. Entusiasmavam-se na apreciação de vídeos, fotos e gravações de áudio realizadas nas diferentes situações, reconhecendo a si e os colegas. Por mais que fosse uma atividade prazerosa para turma, os conflitos e as disputas eram constantes. Grande parte das crianças queriam fotografar ao mesmo tempo e tinham início as desavenças. Havia incentivo para o trabalho em conjunto e busca por lideranças positivas, porém os embates eram constantes, necessitando de intervenção. Assim, veio à tona a necessidade de ações que seguissem a premissa do trabalho colaborativo, sanando as dificuldades de interação e comunicação entre as crianças da turma, resolvendo estes conflitos e oportunizando que todos pudessem criar conteúdo.

Na escolha do tema, as vozes infantis foram fundamentais. A escuta do gosto por registrar aprendizagens e as reclamações por conta de disputas pelo mesmo objetivo, a ausência de empatia e a dificuldade em resolver conflitos foi

---

1 Refere-se ao projeto Imprensa Jovem EMEI Cartola: agência de notícias mirim, desenvolvido na unidade desde o ano de 2016 no contra turno escolar. <http://facebook.com/impresamirim>

primordial, primeiro pelo reconhecimento de que os pequenos tinham que os recursos midiáticos poderiam contar suas histórias, segundo pela possibilidade de o trabalho colaborativo trazer ganhos a todos, não apenas ao pequeno grupo que participava do projeto no contra turno.

Pensando no tema, os recortes deram ênfase as interações que promovem o trabalho cooperativo, ou seja, a negociação coletiva de conflitos e valores sociais (empatia, solidariedade, ajuda mútua, colaboração), utilizando para isso experiências educocomunicativas. Estes recortes favorecem oportunidade de aprendizagens referente, principalmente, ligados as interações sociais, o trabalho em equipe, habilidades comunicativas e o protagonismo, ampliando a capacidade de expressão dos pequenos.

A meta geral de aprendizagem foi a valorização do trabalho cooperativo na construção e disseminação de saberes, tendo como objetivos específicos a promoção da coesão do grupo, resolução de conflitos, mediação por meio de lideranças pacificadoras e criação de conteúdo para compartilhamento, colaboração. Como referências foram utilizados os preceitos de desenvolvimento da linguagem, aprendizagem colaborativa, mediação pedagógica, defendidos por Vygotsky (1998, 2001) e do educador educocomunicador, apresentado por Soares (2011), além dos estudos próprios.

Para este trabalho foi definido três etapas. Na primeira, a promoção de interações e vivências comunicativas, visando a construção de grupos de trabalho. A segunda parte da criação de conteúdos midiáticos, oportunizando o trabalho cooperativo e, por último, a terceira fase empreende o compartilhamento dos conteúdos midiáticos, gerando novas interações.

Dentre os materiais pesquisados, foram compartilhados com as crianças produções de anos anteriores, realizados utilizando diferentes mídias, principalmente narrativas digitais (rádio), apresentadas em Santos (2015) e audiovisuais.

Quanto aos recursos, foram necessários para o desenvolvimento do projeto câmera fotográfica, gravador de voz e projetor multimídia. Entretanto, como a escola dispunha apenas de uma câmera e o gravador de voz apresentou defeito, grande parte das produções foram realizados com aparelho celular próprio. As crianças sabiam manuseá-lo e não houve receio em utilizar recurso.

Todo trabalho contou com a colaboração dos pequenos, que atuaram como parceiros a todo momento, desde a escolha do tema, recursos e projetos que iam ser apresentados ou comentados na construção das narrativas.

## **OS PASSOS DA JORNADA: AS EXPERIÊNCIAS EDUCOMUNICATIVAS E O “FAZER JUNTO”**

O projeto foi dividido em três etapas de trabalhos, sendo encadeadas a favorecer o trabalho cooperativo continuamente, com novos desafios, estimulando a comunicação e a cultura de paz. A primeira etapa empreendia a promoção de interações e vivências comunicativas até a construção dos grupos de trabalho. A segunda etapa previa a criação dos conteúdos midiáticos pelos grupos e, por último, a apreciação e avaliação do percurso, gerando novas interações.

O trabalho foi realizado a partir da primeira semana do mês de julho de 2016 até a terceira semana do mês de dezembro do mesmo ano, totalizando cinco meses. As atividades aconteciam, pelo menos, quatro vezes por semana, em duas horas-aula, nos rumos da Educomunicação, um paradigma da interface entre Educação e Comunicação, que enfatiza o protagonismo, a cooperação, a autonomia atrelada a autoria, gestão da comunicação democrática e dialógica. Após o diagnóstico inicial, foram realizadas várias rodas de conversa na busca e estabelecimento de novos combinados e regras de convivência. As crianças iam apresentando as soluções e entre elas seria “fazer parte da imprensa”, como diziam. Dessa forma, foi tranquilo conversar sobre os objetivos do projeto, enfatizando o trabalho em conjunto. Em outra conversa estabelecemos a quantidade de crianças por equipe e assim o grupo foi dando forma ao projeto, decidindo um item a cada conversa. Na mediação, era dado ênfase ao processo de ouvir a todos e trabalhar a escuta atenta. Algumas crianças concordavam com um colega e outras não, daí tinham início as discussões, tão esperadas.

A roda de conversa e os momentos de brincadeiras livres e de faz-de-conta foram cruciais para desenvolver as estratégias. Nas rodas tomávamos em conjunto as decisões e nas brincadeiras livres conversa com os grupos. Sempre que havia necessidade de decisão empolgava bastante os pequenos, que iam se sentindo participativos do processo. Decidimos que a turma seria dividida em

sete grupos, cada uma com cinco crianças e que cada agrupamento teria um líder, como acontecia no projeto da agência de notícias. As crianças sugeriram que cada grupo teria como nome uma cor, já que as crianças do projeto piloto já se denominavam “equipe laranja”.

Após as conversas e as decisões iniciais vieram a formação dos grupos. Inicialmente as crianças foram convidadas a serem líderes e seis crianças se dispuseram. Entre elas haviam crianças que não tinham dificuldade de interação e outras que, na maioria das vezes, estavam envolvidas em conflitos. Para sétima vaga foi feito o convite para uma menina que, apesar de se relacionar bem nas brincadeiras livres com os colegas, tinha dificuldade de interação no coletivo e mediar situações, partindo para a agressividade, em alguns casos. Ela aceitou e assim, formamos nossas equipes com sete líderes. A equipe laranja já estava formada e ficou a ideia de nomear os grupos por cores, cada líder sugeriu uma cor e convidou outros quatro colegas para compor seu grupo. Quem estava ausente não foi esquecido. Daí então, surgiram os grupos verde, vermelho, roxo, rosa, azul e amarelo. A equipe amarela teve bastante dificuldade em formar o grupo. O menino líder tinha problemas de interação e aproveitamos para trabalhar a negociação, pois, colegas que interagem melhor com ele estavam num outro grupo. Infelizmente não conseguiram sucesso na primeira etapa de formação dos grupos, até que três meninas se juntaram e falaram “*se você chamar a gente, nós vamos*”. De início ele negou e a mediação positiva foi fundamental para que esse grupo fosse formado.

Aconteceram algumas adaptações ao longo do processo, por conta de projetos da escola que envolviam alimentação, olimpíadas e diversidade cultural. A equipe laranja fez um telejornal falando sobre a história Chapeuzinho Vermelho e a turma apreciou, juntamente com programas de rádio de anos anteriores, realizados por crianças da mesma idade, assim como outras experiências educocomunicativas. A líder da equipe verde ficou encantada com narrativas digitais (rádio) e junto com parte da equipe pediram para fazer um programa. O grupo era formado por três meninas e dois meninos. Em conversa, aproveitando o momento de brincadeira livre da turma, decidiram que o tema seria Dengue, assunto tratado com a professora do segundo período. Além da gravação, sugerimos que o grupo registrasse por fotografia as gravações e as crianças se

dividiram na tarefa. Resolveram entrevistar colegas da turma sobre a Dengue e o mais difícil foi conter os ânimos das demais crianças, que ficavam ansiosas em fazer suas produções e atrapalhavam as gravações. As falas das locutoras foram espontâneas, disseram o que tinham aprendido na campanha contra a Dengue e fizeram questão de entrevistar a professora do período da tarde, gerando alvoroço no horário de estudo das educadoras. Isso nos rendeu uma boa bronca da coordenação, mas compensada pela alegria da equipe. Em seguida, por sorteio, foi a equipe vermelha. A líder da equipe já tinha conversado com os colegas e sugerido o tema: olimpíadas. Estavam confusos, porém, um dos meninos da equipe lembrou de um dos vídeos, um trabalho que havia realizado em 2012 com a técnica de stopmotion (animação utilizando fotografias). Queriam fazer a prova de salto em distância, porém conversamos sobre as dificuldades para nós em fotografar os bonecos quando estivessem no ar. Mediando a situação chegamos num consenso, faríamos corrida. A líder descobriu que daria para fazer os bonecos com jogos pedagógicos de montar. Como tinham dificuldade nos registros, ajudamos na fotografia e confecção das bandeiras, simbolizando cinco países, escolhidos por eles. Grande parte das crianças da turma acompanhou a confecção dos cenários e personagens. O vídeo foi realizado em duas partes: a primeira seria a corrida e na segunda a premiação. As fotografias não foram realizadas na sala, por conta da atenção que deveria ser dada a atividade, o que prejudicaria o andamento da sala. Assim, após autorização da professora da tarde, realizamos as fotografias. Como as crianças ainda são pequenas, realizamos a edição. A equipe vermelha estava ansiosa em ver parte do projeto e exibimos para a classe, que gostou, entretanto, reclamavam que tinha sido muito rápido. A segunda fase foi mais tranquila, os cenários já estavam prontos e foi só seguir o roteiro.

A equipe roxa, inicialmente queria falar sobre alimentação. O líder e sua equipe pensavam em fazer programa de rádio, depois vídeo, até que um dos integrantes trouxe massa de modelar caseira, assim, perguntaram se podiam fazer na escola. Diferente dos outros grupos anteriores, este grupo era liderado por meninos, havia três no grupo. As meninas opinavam pouco, porém a ideia as agradou. Conseguimos os materiais e realizamos a gravação na sala de aula, com a turma assistindo. Erramos na quantidade de água e a massa ficou muito



mole. A equipe ficou frustrada e conversamos sobre técnicas que são usadas em vídeos, apresentando a massa que já estava pronta. Para as outras crianças, o momento foi de descontração. Alguns questionavam se a massa mole ia aparecer no vídeo e então conversamos sobre os programas de culinária da TV, em que os cozinheiros levam também partes prontas da receita. A equipe rosa acabou sofrendo por conta de crianças que se transferiram para outra escola e assim a líder não sabia o que fazer, já que também havia crianças faltosas em sua equipe, restando apenas duas meninas. A equipe azul estava sempre em conflito, era a única equipe com cinco meninos. Após conversa, as crianças resolveram unir os dois grupos, pois queriam falar do mesmo assunto: alimentação. Na escrita do roteiro, pediram para mostrar no vídeo os cartazes que havíamos construído coletivamente sobre alimentação saudável e não saudável e assim parte mostrou o cartaz, outros falaram dos alimentos que gostavam e o restante no registro fotográfico. A equipe amarela foi a mais difícil durante o percurso. O líder tinha problemas de interação e se desentendia o tempo todo com os demais. Queriam também realizar a técnica de stopmotion e o máximo que conseguimos foi a criação do roteiro, em que um menino ia passear na praia com uma amiga. Eles utilizariam massa de modelar para os bonecos e seus carros de brinquedo.

As conversas e criações de roteiro com cada grupo configuraram os momentos mais significativos do projeto. Para a terceira etapa havia previsto uma mostra com todos os trabalhos, entretanto, a classe tinha muita curiosidade em ver os conteúdos, então, a medida que fazíamos, mostrava as fotografias e o trabalho. A euforia era muito grande e as descobertas também. As situações mais importantes vieram dos erros. Primeiro da entrevista com a professora que atrapalhou a rotina de estudo das educadoras, mas enfatizou o protagonismo das pequenas em realizar um trabalho sem a intervenção da professora. A segunda diz respeito as escolhas que as crianças faziam dos temas, sempre relacionados aos projetos trabalhados na escola. A equipe amarela, por mais que não tenha conseguido terminar seu trabalho tinha clareza do processo e pensavam além, algo que também é valorizado quando falamos de uma ação com viés educomunicativo, ou seja, na criação de ecossistemas comunicativos abertos e criativos. As interações revelavam muito do que haviam aprendido e não era

observado por nós, educadoras da turma, que muitas vezes nos preocupamos com registros e esquecemos das vozes.

## **REFLETINDO AS ATIVIDADES E PERCURSOS: A HORA E A VEZ DE AVALIAR**

A partir dos objetivos traçados, os resultados alcançados foram diversos. A premissa do “fazer junto” trouxe à tona a importância da horizontalidade das relações na aprendizagem. O ganho de saberes não foi apenas observado nas crianças, mas pessoal. Os pequenos trabalharam em conjunto e tiveram a oportunidade de protagonizar cada passo das produções. Alguns grupos conseguiram atingir quase a totalidade dos objetivos, sanando conflitos e engajando-se nas produções.

A maioria dos grupos formados eram mistos, com exceção da equipe azul, o que proporcionou grandes interações e coesão entre os pequenos. Algumas lideranças foram positivas e tiveram grande mediação no momento de decisão dos temas. Os que não tiveram a mesma postura apresentaram problemas, como a equipe azul e amarela, que sempre necessitavam de intervenção.

A criação dos conteúdos foi um dos objetivos mais significantes do processo, mostrando o quanto era importante o trabalho em equipe. As nomenclaturas de cada equipe foram marcantes para as crianças, poucos esqueciam de qual equipe pertenciam e geralmente um colega os levava até o quadro para consultar a cor da equipe. Outros contavam para colegas de outras turmas e até para educadores de outras turmas qual era a cor de seu grupo, qual atividade estava fazendo. Assim, os principais resultados vieram do sentimento de pertencimento de grupo, das interações e da ponte entre os conteúdos midiáticos criados e as situações de aprendizagem que já eram desenvolvidas na escola.

O sentimento de pertencimento de grupo observado como resultado do trabalho é algo que não havia sido pensado no momento do planejamento, porém inerente quando falamos de um trabalho que preza a cooperação. A cultura de paz e a resolução de conflitos é algo de certa forma distante, por mais que o projeto tenha tido bons resultados no processo de interação. Algumas crianças traziam angústias diversas, ansiedades e o tempo acabou sendo curto, visto a quantidade de crianças. Na prática, cinco grupos cria-

ram seus conteúdos e um chegou até a pré-produção. As crianças que tinham mais dificuldades de interação tiveram melhoras no relacionamento com os colegas, porém, tinham problemas ao exercerem liderança. Sobre a proximidade, o paradigma educocomunicativo foi crucial na criação de ecossistemas comunicativos, transformando a prática, pois as crianças começaram a ligar suas produções às aprendizagens e traziam um caráter transformador, potencializando a educação para a prática cidadã.

Para avaliar as aprendizagens, os meios utilizados foram a observação e a escuta das vozes infantis, dessa forma, estávamos cientes do envolvimento e motivação das crianças em relação ao trabalho realizado conjuntamente e como contribuíam para o grupo.

Neste percurso as crianças potencializaram suas aprendizagens em relação aos conteúdos trabalhados nos projetos da escola e aprenderam a registrar estes saberes em diversos formatos. Outro ganho, citado por eles, foi o processo de produção de conteúdo midiáticos e as interações que o envolvem.

Alguns contavam *“Prô eu não sabia que tinha que tirar foto para o boneco mexer”* ou *“Não é verdade então que na televisão eles tem um bolo pronto guardado, igual a massinha do amigo?”* ou ainda *“Eu não fico de tarde mas também sou da imprensa”*. O pertencimento de grupo foi a grande aprendizagem para a turma, sendo uma das mais estruturantes. A mediação de conflito também foi outro item bem incorporado, pela grande maioria, melhorando as situações de interação e conversa

Apesar de todos os percalços e dificuldades a prática trouxe resultados significativos. Para as crianças estar numa situação igualitária com a professora e o estabelecimento de vínculos foi fundamental. A escuta das vozes infantis, com seus questionamentos, protagonismos e saberes é algo que temos que levar para a vida.

## **CONSIDERAÇÕES**

Os desafios propostos estavam de acordo com as possibilidades de aprendizagem, apesar da grande quantidade de crianças por turma. Muitas descobertas

ainda poderiam ser feitas, mas devido a quantidade de produções e a demanda de projetos da escola, encurtaram o tempo do projeto.

As estratégias e atividades a todo momento visavam o objetivo geral: o trabalho cooperativo. A separação da turma em equipes, as reuniões para decisão conjunta, a mediação dos conflitos e a gestão democrática com líderes positivos foram cruciais para isso.

Atividades que envolvam a educomunicação são empolgantes e cheias de aprendizagens. Por mais que a criança seja tímida ou extrovertida, sempre terá um saber para compartilhar. Mesmo sendo ainda regente de um grupo de crianças na agência de notícias, trazer estas aprendizagens para a turma num todo é algo motivador. É importante dar continuidade a esta ideia, com algumas mudanças, principalmente em relação ao tempo do projeto, quase cinco meses, de certa forma, foi pouco, pensando nas especificidades da infância e conteúdo de projetos da escola que devem ser cumpridos.

A partir dessa experiência surgiram novos sonhos, como projetos que envolvam a expressão educocomunicativa por meio da arte, socioambiental e exploração da fotografia, além de outros projetos que possam agir no contexto da escola, trazendo algo novo.

Com essa experiência foi confirmado algo que acreditávamos ser importante: a escuta das vozes infantis. Esse projeto nasceu do questionamento e do descontentamento dos pequenos em não participar de uma experiência no contra turno. Por vezes, não somos apenas mediadores, mas parte da equipe. Discordamos de líderes, somos vencidos e aprendemos com eles a encontrar outras rotas. Foram problemas, risadas, erros de gravação, bronca, tudo isso, fazendo juntos. Aprendemos todo dia que a criança tem voz, é protagonista e criadora de saberes.

Ainda estão presentes desafios. O primeiro deles é a falta de recursos da escola, que prejudicou nossas produções. Outra foi a quantidade de crianças em sala de aula, 35 alunos com 5 e 6 anos de idade, o que diminuía o tempo de dedicação com cada grupo. Além disso, por conta das especificidades da infância não é comum o reconhecimento da criança pequena como criadora de conteúdo,

contando suas aprendizagens, saberes e com direito a comunicação própria de uma prática cidadã. Essa é a nossa luta!

A experiência envolvendo o trabalho cooperativo pode ser replicada por outros professores, independente da realidade, sendo similar ou não, desde que esta cooperação traga resultados transformadores. Para que essa replicação aconteça é primordial conhecer a realidade da turma, as interações e o relacionamento entre eles e os diversos segmentos da instituição. Pensando num viés educocomunicativo, a preocupação é com o processo e não com o produto, pois é a partir das interações do processo que aparecem os conflitos e necessidade de uma intervenção baseada numa cultura de paz. A grande dificuldade para a replicação é a falta de motivação dos estudantes e a pouca valorização da família, em alguns casos. A importância do “fazer junto” conteúdos que possam ser compartilhados têm que partir dos interesses, pois a apropriação dos recursos midiáticos é fácil para quem nasceu na era da informação, após os anos 2000. Ao se inspirarem nesta prática, os professores podem esperar o desenvolvimento de atividades e competências, como uma melhor interação, liderança, trabalho em grupo e ampliação da capacidade de expressão, de forma democrática.

## Referência:

JESUS, Valdeci Pereira de, et.al. Direitos e deveres na Educação Infantil: vivenciando os combinados. In: DIETRICH, A. M.; HASHIZUME, C. M. (org.) **Direitos humanos no chão da escola**. Santo André: Editora UFABC, 2017

SANTOS, Silvia Silva dos. Narrativas digitais na Educação Infantil: experiências com rádio escolar. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DA EDUCAÇÃO BÁSICA. 1. 2014. São Paulo. **Anais eletrônicos...** São Paulo: Universidade Nove de Julho, 2014. Disponível em: <[http://www.uninove.br/marketing/I\\_CIPPEB/pdf/NARRATIVAS\\_DIGITAIS.pdf](http://www.uninove.br/marketing/I_CIPPEB/pdf/NARRATIVAS_DIGITAIS.pdf)> Acesso em 10 fev. 2016.

\_\_\_\_\_. **O rádio na construção de habilidades na oralidade do grupo infantil II, turma C da EMEI Angenor de Oliveira - Cartola**. 2015. 87 f. Monografia (Especialização em Mídias na Educação) – Universidade Federal de Ouro Preto, São Paulo, 2015.

SOARES, Ismar de Oliveira. Dez anos de Idade Mídia: celebrar e refletir. In: SAYAD, Alexandre Le Voci. **Idade mídia**: a comunicação reinventada na escola São Paulo: Aleph, 2011.

VYGOTSKY, L.S. **A Formação Social da Mente**. 6. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

\_\_\_\_\_. **Pensamento e Linguagem**. São Paulo, Edição eletrônica: Ed. Ridendo Castigat Mores, 2001.

### **Sobre a autora:**

Silvia Silva dos Santos: Especialista em Mídias na Educação pela Universidade Federal de Ouro Preto – UFOP, Especialista em Informática na Educação – Universidade Cruzeiro do Sul, Graduada em Pedagogia – Licenciatura Plena pela Universidade de Santo Amaro. Professora de infância (pré-escola) desde 2007. Coordena e leciona no Projeto Imprensa Jovem EMEI Cartola: agência de notícias mirim (Imprensa Mirim), desde 2014. Seus estudos têm ênfase em experiências educumunicativas, com conteúdo de rádio escolar, fotografia e audiovisual, desde 2011, na Educação Infantil. EMEI Angenor de Oliveira – Cartola – São Paulo/SP. E-mail: profa.silviasantos@hotmail.com